

Industrialização ou desastre social

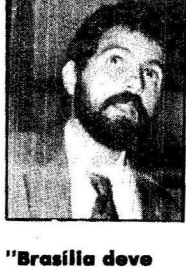
A miséria da maioria não pode continuar sustentando o devaneio das elites. O mundo dos privilégios tem que ceder ao peso da realidade, ou pagar o preço do desastre social.

A utopia desenvolvimentista dos anos 60 concebeu o projeto da nova capital como a cidade-síntese da modernidade brasileira. O gênio criativo da nossa nacionalidade teve, na construção de Brasília, o momento mais fecundo de sua expressão.

O histórico mutirão que erigiu, em cinco anos, a obra mais monumental do País, trouxe, para o planalto central, uma poderosa força de trabalho que alimentou o gigantesco canteiro da construção civil em que se transformou a capital da República. O sonho realizou-se. O fascínio da maquete inovadora deu forma ao concreto, esbanjando a plasticidade que encantou o mundo e demonstrou definitivamente a capacidade construtiva do nosso povo.

Mas os profundos desajustes sociais, que sempre caracterizaram nossa situação de economia periférica a serviço dos interesses imperialistas, não desapareceriam com a simples construção de uma nova capital. Ao contrário, agravaram-se ao longo do tempo. Brasília converteu-se em novo pólo de atração incrustado no interior do País, simbolizando a esperança de trabalho para as populações das regiões mais pobres do nosso território ou a ilha do privilégio para as castas do poder.

No entanto, a capacidade de absorção de mão-de-obra pela cons-



"Brasília deve ingressar logo no ciclo da auto-suficiência econômica com atividades produtivas"

trução civil perdeu o ritmo quase alucinante dos primeiros tempos. A conclusão da maioria das obras previstas no projeto inicial e o declínio do crescimento econômico produzido pela recessão limitaram as possibilidades deste mercado de trabalho pratica-

mente único para a população de migrantes que vem se avolumando em Brasília.

Apesar do esgotamento do ciclo das grandes obras da capital da República, o fluxo migratório, oriundo das camadas desfavorecidas da população brasileira, continua. Afinal, todo o ser humano tem direito à esperança. E é por isso mesmo que começa a se revelar, nas entranhas do Distrito Federal, a anatomia do impasse. Os acampamentos de trabalhadores, que outrora ocupavam o cerrado agreste para construir a cidade, foram substituídos pelos assentamentos de famílias sem emprego, que perambulam pelas ruas da capital em busca das migalhas com que sobrevivem.

Esse quadro desolador, injusto e desumano não pode perdurar. O sonho de uma capital exclusivamente burocrática, asséptica e improdutiva, feita de espaços urbanos exuberantes, destinados ao deleite de seus moradores, acabou. A fantasia cedeu lugar ao pesadelo do crescimento demográfico anárquico, sem base econômica, gerador de miséria e degradação social.

Brasília, precisa ingressar logo no ciclo da auto-suficiência econômica através da atividade produtiva, antes que se atinja a irreversibilidade do caos, em gestão na sua explosiva realidade. O estímulo à implantação de indústrias no Distrito Federal passou a ser a maior prioridade para que a capital da República se afirme como pólo real de desenvolvimento do interior do País e não como ficção administrativa perdulária e inconsequente. O Brasil não pode se dar ao luxo de continuar mantendo o custo desta fantasia.

A cidade do devaneio deve assumir a nova versão reclamada pela sua realidade social. Afinal, a esperança dos migrantes merece a dignidade do trabalho produtivo e não a humilhação da indigência.

■ Agnelo Queiroz é deputado distrital pelo PC do B